



# FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

## CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

### **ANA JOTTA** (1946)

Ana Jotta nasceu em Lisboa em 1946. Fez a sua formação em Bruxelas, na escola La Cambre.

O seu trabalho artístico tem-se constituído como um dos mais estimulantes enigmas e quebra-cabeças para o discurso crítico, uma espécie de estratégia da aranha, tecendo o seu suave labor a partir de um eixo concêntrico e egocêntrico que se orienta em torno do fazer e do desfazer.

Até meados dos anos 80, se não levarmos em linha de conta o seu continuado trabalho de cenografia, as intervenções artísticas conhecidas ou anónimas de Ana Jotta limitavam-se ao desenho, e todas elas se produziam no âmbito de manifestações colectivas.

De entre estas destaca-se, pela importância do evento e pela natureza da intervenção, a participação na Lis'81, edição que não chegou a inaugurar devido a um incêndio que destruiu por completo o recinto de exposição. Entre 300 desenhos seleccionados, encontravam-se dois enviados por Ana Jotta: um, devidamente identificado em seu nome, o outro, sob o pseudónimo de Al Cartio. Apesar da marcada diferença de estilo e sem que a organização estivesse a par da sua proveniência comum, os dois desenhos foram, estranha coincidência, colocados lado a lado na planta definidora da montagem. O acaso afigurava-se, desde esta altura, determinante na obra de Ana Jotta.

Esta entrada em cena, anuncia o papel que a artista traça para si própria e a natureza do seu trabalho vindouro. É correcto dizer que se trata de uma obra sem projecto, no sentido premeditado do termo. Neste período, Ana Jotta pauta as suas intervenções ao ritmo das manifestações que se vão sucedendo, e não através de uma lógica de evolução interna, de coerência estética ou estilística.

Em 1985, uma exposição conjunta com Gaëtan, a convite deste, dá origem a uma actividade expositiva regular, que se tem pautado, ao longo dos anos e das exposições, por uma cultivada heterogeneidade. Adivinha-se desde então, na obra tornada pública, a expressão reduzida de um pulsar criativo que só em parte ultrapassa a fronteira do seu espaço privado.

No seu método de trabalho, a artista serve-se de variadas fontes, sejam elas artísticas ou não, que usa e molda a seu gosto. Assim, a arte que a precede e que a rodeia – desde importantes referências da arte moderna e contemporânea (Hopper, Picabia, Klee, Broodthaers, etc.), até aos pintores de fim-de-semana –, mas também o quotidiano e a cultura popular, são vistas

como materiais a trabalhar, podendo ser alvos de apropriações e/ou das mais diversas intervenções.

Abolidas, não sem um refinado sentido de humor, as fronteiras nominais entre géneros – fotografia, pintura, escultura, bordado, desenho, *objet trouvé* –, a produção artística de Ana Jotta é estruturada através de construções narrativas, pontuada por referências meta-artísticas e atravessada por contingências do quotidiano.

Para além de participar de uma constante vontade de contaminação entre contextos, funções e modos de usar, a peça de Ana Jotta integrada na colecção do CAMJAP e aqui reproduzida é um exemplo eloquente da importância do desenho no trabalho da artista. De facto, o desenho é uma via privilegiada de acesso àquilo a que se poderia chamar “sistema Jotta”, na medida em que traduz em termos gráficos uma operação mental mais ampla que lhe é anterior. Seja a realização rápida (alguns desenhos sobre papel) ou lenta (os bordados sobre pano), as obras integram-se numa lógica de economia de meios e de discurso que despista constantemente as expectativas, constituindo-se como um mapa sem coordenadas.

NUNO FÁRIA

### **Bibliografia**

*A Indisciplina do Desenho*, Lisboa, Instituto de Arte Contemporânea, 1999. (Catálogo)

*Chegadas: Partidas*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1995. (Catálogo da representação de Portugal na 1.ª Bienal de Arte de Joanesburgo, Africus)

*Eu Seja Cão*, Lisboa, EMI-Valentim de Carvalho, 1987. (Catálogo da exposição individual)

### **Na colecção**

3 esculturas, 3 desenhos